

# DE ÍNDIOS, CRÂNIOS E SEUS 'COLECIONADORES'

## DADOS SOBRE O EXOTISMO E A TRAJETÓRIA DA ANTROPOLOGIA, NO BRASIL DO SÉCULO XIX

"Nada, no mundo distante, é exótico,  
senão o próprio viajante"

(Bloch, 1959:430)<sup>1</sup>

TITUS RIEDL\*

### RESUMO

O colecionador etnográfico do século XIX representava, como dizia Baldus um "espírito da última hora" (*Apud* Porto Alegre, 1994:63). Em consequência da falta de grandes tesouros, predominava, no Brasil, o gosto pelo grotesco e a observação do patológico: as ossarias, os crânios, os troféus de cabeça, as máscaras, os botoques, o curare etc. substituíram para o mercado etnográfico, as pedras preciosas, metais brilhantes e fragmentos de templos gigantescos, encontrados em outros países do hemisfério.

A trajetória das ciências, no século XIX, mostra, que o pesquisador ainda não era capaz de penetrar num mundo diferente, de compreendê-lo em sua diversidade, e de amadurecer através dos conhecimentos ganhos. Assim, a evolução da própria disciplina parece, hoje, exótica, e não os seus alvos de observação.

\*Professor da Universidade Regional do Cariri.

O artigo pretende fornecer dados históricos sobre a antropologia brasileira, na sua fase pioneira, marcada pelo exotismo e as metodologias da anatomia comparada.<sup>2</sup>

Desde os fins do século XVIII, surgiram coleções craniológicas com supostos objetivos científicos. Para anatomistas e antropólogos, tornou-se uma verdadeira 'mania' colecionar e classificar ossarias, e dentro das faculdades estabeleceram-se ramos pseudo-científicos como a *craniologia* e *frenologia*.

Neste contexto, foram criados os primeiros museus com objetivos didáticos, que se diferenciam dos antigos *Gabinetes de Curiosidades*, quando se formaram e estabeleceram os principais rumos acadêmicos, ainda vigentes.

No Brasil, crânios de índios ganharam a qualidade de mercadorias preciosas, que 'enfeitaram' vários acervos museológicos. A linguística e a craniologia formaram, na opinião de Ladislau Netto, os "dous fôcos de luz das sciencias anthropologicas". (Netto, 1882:IV). Em suas viagens pela Europa, o próprio soberano Dom Pedro II, presenteou instituições científicas, que ele visitava,

com crânios de índios Boto-cudos, então a etnia brasileira mais conhecida do Brasil.

Não somente esqueletos, mas, também índios vivos, foram levados para a Europa e exibidos em salões e feiras públicas.

### 'O MUNDO NA CAIXINHA' — MOSTRAS DO MARAVILHOSO

Durante a época da Renascença, surgiram na Europa os chamados *Gabinetes de Artes e Curiosidades*, onde se moldurava um modelo do universo, através de pequenos objetos e obras de arte, delineado pela idéia de uma analogia entre o macro e microcosmo. Segundo esta visão, na qual o maior se espelhava no minúsculo, o mundo estava aleatoriamente

simbolizado por 'peças anatômicas', naturalias, pedras preciosas e objetos etnográficos, com procedência freqüentemente ignorada.

Com a expansão européia, na primeira fase colonial, não existiam limites para a *curiositas*, a curiosidade científica. Os enciclopedistas se arriscaram em viagens cansativas, de cidade para cidade, para conhecerem, nas coleções, as novidades recém-chegadas dos ultramarés. (Goldmann,

1982:155-156). Nos palácios da nobreza multiplicaram-se herbários, jardins botânicos e *menageries*, onde não somente foram exibidos plantas e animais dos trópicos, como também representantes humanos de outras 'raças' e continentes longínquos, empregados como servos domésticos e auxiliares nas caças. (Melo Franco, 1937:52-99).

O lado a lado da vida e da morte, o calafrio, transmitido por crânios, ou esqueletos, sempre foi atração em exposições públicas e feiras populares. Desde o final do século XVIII, tornaram-se populares os *Gabinetes de Figuras de Cera*, em que os reinantes tornaram-se acessíveis, literalmente 'tocáveis', e os mortos pareciam 'vivos'. Nessas exposições, dificilmente, faltaram cenas de assassinatos, crimes, enforcamentos e tampouco figuras picantes como a '*Venus Anatômica* de Crombach, desmontável em 32 peças', apresentada com acréscimo de preço e somente exibida para "homens adultos". (Geese, 1981:74-77). Ao lado de tais objetos eróticos e horripilantes, localizaram-se reproduções de diferentes 'raças do mundo', e também, como nos Gabinetes de curiosidades, preparados anatômicos, múmias, e artefatos etnográficos.

Logo, começaram se misturar, nos mesmos palcos, verdadeiros 'selvagens', representantes vivos de outros povos, que alimentaram a fantasia e curiosidade do público europeu acima das maravilhas do mundo. Geralmente, eles encenavam espetáculos, nos quais pouco importava uma suposta fidelidade etnográfica.<sup>3</sup>

Ainda nos fins do século XVIII, a paixão colecionadora tornou-se sistemática, e, ao mesmo tempo, mais intensiva. Museus naturais, que seguiram, em sua fase inicial, nos moldes dos antigos Gabinetes de Curiosidades, surgiram nas principais cidades da Europa. Alguns objetos expostos chegaram a chocar os contemporâneos. O *Gabinete de Artes Físicas e Naturais* em Viena, um dos primeiros museus públicos da capital austríaca, guardava, em 1800, quatro negros empalhados, em seu acervo. O mais conhecido, entre eles, era Angelo Soliman, de origem etíope, em vida servidor dos príncipes de Lobkowitz e Liechtenstein. Durante a sua vida, as suas feições 'admiravelmente harmônicas e bem equilibradas' tinham sido elogiado por inúmeros visitantes. O seu preparo, como figura de exposição, efetuou-se por decisão

do próprio imperador da Áustria, em 1796, depois da sua morte 'natural'. Autopsiado e empalhado, Angelo Soliman permaneceu alguns anos exibido numa sala principal do museu, onde ele estava erguido em pose teatral, dentro de um armário vidrado, pintado de verde e vermelho; a sua figura estava em pé, com a perna atrás e a mão esquerda levantada; na sua cintura um cinto de plumas, na cabeça, uma coroa de penas de avestruz. As pernas e os braços estavam decorado com colares de vidro, o pescoço ornamentado por um colar de conchas.<sup>4</sup>

Com os anos, as faculdades de medicina e também pessoas particulares reuniram acervos, que serviram para fins didáticos e para os estudos; entre os cidadãos que possuíam tais *Gabinetes de Raridades*, destacou-se a classe profissional dos médicos. Para eles, as peças mais valorizadas eram os chamados *lusus naturae*, o que designava criaturas, ou, então, 'monstros' abortados.

Um pioneiro da antropometria e da anatomia comparativa, o médico holandês Pieter Camper (1722-1789) ganhou celebridade como um dos primeiros colecionadores sistemáticos de crânios, que provinham de todas as partes do mundo. Camper pensou em uma representação estética, que se "iniciava no macaco, subia através do negro, do europeu, etc. e se elevava até as imagens antigas, de uma Medusa, um Apolo, ou, a Venus de Medici". Um amigo de Goethe, o conselheiro alemão, Johann Heinrich Merck (1741-1791), negociante tanto de quadros do pintor Rembrandt, como também de peles de animais e de outras curiosidades, chamou o gabinete de Camper um verdadeiro "paraíso osteológico", que "merecia a romaria de todo mundo". (Goldmann, 1985:248-249).

Em meados do século XIX foram implantadas as exposições universais, a primeira realizada no ano de 1851, em Londres. Nestes eventos, o interesse para os povos e continentes distantes viveu um incentivo, até então, sem comparação; mostras dos produtos e das riquezas naturais dos países como também dos seus costumes pitorescos chegaram a alcançar milhões de espectadores. (Turazzi, 1995:42-52). A fotografia revolucionou os meios de comunicação, tudo parecia abarcável e acessível ao conhecimento geral. O mundo tornou-se menor e entregue a curiosidade do burguês, que elegeu o cosmopolitismo a sua nova dou-

trina; viagens distantes, pouco a pouco, ganharam a qualidade de luxuosos empreendimentos de lazer, com o único objetivo de divertir; enfim, nasceu o turismo moderno.

Nações distantes, definitivamente, se aproximaram; nos centros da Europa ganharam notoriedade as chamadas ‘Mostras de Povos’, nas quais se exibiam ‘raças’ de vários continentes, que alimentaram o gosto do público pelo exótico com provas de seus costumes, suas festividades e seus artesanatos pitorescos. As exposições, realizadas dentro de parques zoológicos, atraíram, em um único final de semana, até 100.000 visitantes.<sup>5</sup> O cientista, agora, nem se precisava deslocar para continentes distantes; durante as temporadas de apresentação, as tropas desfilaram nas principais instituições antropológicas, onde os seus membros, foram minuciosamente observados, sob portas fechadas, medidos, fotografados e submetidos a exames anatômicos. O procedimento foi semelhante em caso de mortes, pois, a mortalidade entre os grupos convidados, por falta de acompanhamento e adaptação climática, era alta.

### A ‘CRANIOMANIA’, NO BRASIL — DO TÚMULO AO MUSEU

Um mês depois da sua (segunda)<sup>6</sup> chegada ao Rio de Janeiro, o viajante alemão e emissário da Rússia, barão Georg Heinrich von Langsdorff (1773-1852), em carta datada de 7.5.1813, narrou a descrição de um índio Botocudo – ele escreveu “botocudo” – para a Academia de Ciências de São Petersburgo, na Rússia. Em mais uma carta, de 30.3.1814, ele retornou ao tema e destacou a semelhança destes índios – chamados agora “budocudo” – com povos do oeste da América do Norte, que mantinham um costume comparável de perfurarem os lábios para ornamentá-los com rolhas de madeira. (Manizer, 1967:47-48). Nas duas datas, o barão ainda não tinha realizado nenhuma expedição científica pelo interior do Brasil, mas, através de relatos dos viajantes Johann Baptist von Spix (1781-1826) e Karl Friedrich Philipp von Martius (1794-1868), sabemos, que o barão ‘possuía’ um índio como servidor doméstico. Com um teor bastante irônico, os dois bávaros indicam-nos a sua origem:

“O primeiro americano autêntico, que vimos, foi um moço da tribo antropófaga Botocudos, de

Minas Gerais; ele se encontrava no domicílio do nosso amigo v. Langsdorff. O então ministro português, Conde da Barca, tinha pedido ao comandante do Distrito de Minas Gerais obter um crânio de índio para o nosso famoso compatriota, Senhor Conselheiro Blumenbach, mas, como aquele não se viu na oportunidade de se apossar de tal documento morto, ele mandou ao Conde dois Botocudos vivos, surpreendidos e presos em assalto por seus soldados; o Senhor v. Langsdorff, então, recebeu um deles, que logo apreciava, já que este não lhe servia somente como peça de gabinete, mas também, como colector de naturalias”. (Martius, 1966, v.1 :96-97).<sup>8</sup>

O trecho do relato de Spix e Martius menciona o ministro Antônio de Araújo de Azevedo, Conde de Barca (1754-1817), o maior patrocinador das artes e ciências, no Brasil da segunda década do século XIX. O Conde conhecia pessoalmente a Alemanha e a Rússia, e estava em contato com os mais renomados cientistas da sua época, entre eles, Alexander von Humboldt (1769-1859), que, em 1815-16, intermediou a vinda da Comitativa Artística Francesa.

Alexander von Humboldt, que residia em Paris, tornou-se uma influência notória na vida intelectual do Brasil, como também em outros países da América Latina.<sup>9</sup> O seu famoso relato de viagem *Relation historique du voyage aux régions équinoxiales du nouveau continent, fait em 1799, 1800, 1801, 1802, 1803, et 1804*, editado em Paris entre 1814 e 1825, salientou-se como uma matriz e referência quase obrigatória para inúmeras outras publicações, relacionadas a este gênero científico. Neste compêndio, como na obra posterior ‘Kosmos’ (Humboldt, 1847), o famoso prussiano representava para os seus contemporâneos, o exemplo de um cientista moderno, com fortes inclinações para as artes plásticas. Ele pensou e propagou o ideal da pintura romântico-naturalista, e aconselhou, protegeu e incentivou a vinda de vários artistas ao Brasil, entre ele Johann Moritz Rugendas (1802-1858);<sup>10</sup> posteriormente, Alexander von Humboldt tornou-se um dos primeiros admiradores da nova técnica da Daguerreotipia, e previu, ainda em 1839, a sua enorme utilidade para as ciências e para a documentação de viagens.<sup>11</sup>

A despeito do fato irônico, que Alexander von

Humboldt, nunca teve oportunidade para conhecer pessoalmente a colônia portuguesa, um impressionante número de viajantes foi estimulado e desafiado por ele de visitar o Brasil, entre eles o príncipe de Wied-Neuwied (1782-1867), Avé-Lallemant (1812-1884), Tschudi (1808-1889), Burmeister (1807-1892), e o príncipe Adalbert da Prússia (1811-1873). Em relatos de viagem de língua francesa, ou, alemã, escritos no século XIX, geralmente não faltam reminiscências e menções honrosas, dedicadas a Alexander von Humboldt, e na análise das narrativas encontram-se, com frequência, alusões e comparações, que podem ser compreendidos, na sua plenitude, somente no contexto da sua abrangente obra.

O que faz lembrar, aqui, o seu nome, é o fato curioso, de Alexander von Humboldt ter sido um aluno do professor Johann Friedrich Blumenbach (1752-1840), outro nome salientado por Spix e Martius. Blumenbach tinha fama como médico e anatomista e ocupou uma cátedra na pequena, mas influente universidade de Göttingen, na Alemanha. O centro acadêmico desta universidade tornou-se, através do seu espírito iluminista e pós-kantiano, um centro do romantismo germânico.<sup>12</sup> Nos finais do século XVIII e nos começos do século XIX, surgiu em Göttingen um importante núcleo de pesquisa, que juntava informações científicas espalhadas pelo mundo, enciclopedicamente colectados por estudantes, pesquisadores e outros correspondentes, em viagem. Os catedráticos enviaram questionários junto aos seus alunos-viajantes, com perguntas, relacionadas a assuntos do seu interesse científico.<sup>13</sup>

Blumenbach era uma figura destacada, neste meio, e ele reunia, no final da sua vida, a mais completa coleção craniológica da sua geração, admirada por seus contemporâneos. Entre os seus alunos, com estreita ligação com o Brasil, merecem ser citados, além de Alexander von Humboldt, engenheiros como Friedrich Wilhelm Ludwig Varnhagen (1783-1842, o ‘pai’ do ‘pai da historiografia brasileira, Francisco Adolfo de Varnhagen), e Ludwig von Eschwege (1777-1855), ambos no serviço da coroa portuguesa, o naturalista Georg Wilhelm Freyreiss (1789-1825), e os viajantes Maximilian, príncipe de Wied-Neuwied e o barão Georg Heinrich von Langsdorff.

Como testemunharam os viajantes Spix e Mar-

tius, nem o Conde da Barca, nem o barão von Langsdorff encomendaram crânios indígenas para a coleção de Blumenbach. Houve outras tentativas mais bem sucedidas como as de Eschwege ou Freyreiss, que chegaram a encomendar parte de ossarias, mas, foi do príncipe de Wied-Neuwied, que teve o mérito de ter encontrado um ‘grande achado’, um crânio ‘verdadeiramente botocudo’, como este mesmo comentou, orgulhosamente, em 1820: “No famoso gabinete antropológico do Senhor cavaleiro Blumenbach, em Göttingen, depôs o crânio de um jovem Botocudo, de vinte a trinta anos, que representa uma verdadeira curiosidade osteológica”. (Wied-Neuwied, 1815-1817, v.2 :6).

Pela primeira vez, um crânio Botocudo estava no auge do interesse científico; analisado pelo professor Blumenbach, ele foi recebido com euforia:

“O Botocudo com que a Vossa Excelência enriqueceu a minha coleção etnológica e que constitui uma das peças das mais curiosas e raras, se assemelha no seu aspecto total (sem a maxila inferior) ao do Orangotango, mais expressivo ainda do que um dos oito crânios de negros que possuo, embora alguns deles mostrem a maxila superior mais proeminente do que o caso do canibal brasileiro”. (Blumenbach, *Apud* Wied-Neuwied, 1815-1817, v.2:70).

O crânio, cujo desenho aparece em destaque na obra do príncipe tornou-se posteriormente célebre e, de certo modo, iniciou uma corrida macabra por cabeças brasileiras. No decorrer do século, ele ainda foi muitas vezes mencionado e o seu valor científico apaixonadamente discutido. Em avaliações posteriores, os cientistas Wyman, Lacerda e Peixoto, e Frederic Hartt contestaram a sua exemplaridade, e finalmente o etnólogo alemão Paul Ehrenreich (1855-1914) concedeu, ainda em 1887, “que, com o tempo, tornou-se conviência julgar este crânio um exemplo patológico, ou pelo menos, uma curiosidade anatômica”. (Ehrenreich, 1887:12).

A busca por crânios botocudos, entretanto, tinha surtido efeitos horripilantes; o político e empresário Teófilo Ottoni (1807-1869), que se envolveu pessoalmente, e de forma bastante duvidosa, com os habitantes indígenas das terras à margem do rio Mucuri – das quais ele se apoderou – deu notícia de um assalto próximo ao foz do

Mucuri, que vitimou fatalmente a tribo botocudo de um cacique, chamado Shiporok:

“No sítio do Marianno, duas legoas acima de S. José, os christãos tendo attrahido os selvagens a uma emboscada, atacarão-os a falsa fé e fizerão larga carnificina. Dezeseis craneos forão vendidos (triste mercadoria) a um Francez que disse fazer esta aquisição por conta do Museo de Paris. Foi isto em 1846”. (Ottoni, 1858:181).

Na época, surgiu em Salvador da Bahia um pequeno mercado negro, onde os colecionadores estrangeiros tentaram obter ossarias de índios, via compra; no entanto, muitos viajantes preferiram mesmo saquear túmulos, entre outras razões, para evitar fraudes, levando, ou, encomendando, sem que as autoridades locais o percebessem, um grande número de crânios e esqueletos brasileiros para a Europa.<sup>14</sup>

No Brasil, não faltou uma versão tupiniquim da ‘crâniomania’; incentivava-se, aos meados do século XIX, com certa ambição, uma expedição científica nacional, a ‘Comissão Científica do Norte’, que tornou-se mais conhecida sob a designação sarcástica ‘Comissão das Borboletas’.<sup>15</sup> Entre 1859 e 1861, os membros percorreram principalmente a província do Ceará, passando por Maranhão, Pernambuco e Paraíba. Na função de chefe da *Seção Etnográfica e de Narrativa de Viagem* foi escolhido ‘o príncipe dos poetas brasileiros’ Gonçalves Dias (1823-1864), o iniciador da corrente indianista na poesia, já celebre na sua época. Ele manuseava uma câmara fotográfica – provavelmente a primeira empregada numa exploração científica brasileira (as fotografias se perderam, mas algumas podem ter sido usadas como matrizes para estampas litográficas de Henrique Fleiuss, expostas em 1882).

A Comissão decepcionou a respeito dos seus resultados, mas, pelo menos, foram remetidos, além de preparos botânicos, uma certa quantia de artefatos populares e alguns crânios indígenas, exibidos nos museus da Capital. Bastante atenção ganharam ainda estudos paleontológicos do médico dinamarquês Peter Wilhelm Lund (1801-1880), que concentrou as suas pesquisas em Lagoa Santa, Minas Gerais, e propagou a pré-história brasileira, pelo mundo.

O Imperador Dom Pedro II carregou, na sua bagagem para a Europa, vários crânios, que pertenciam aos Botocudos, e que foram doados para instituições científicas. *A Sociedade Antropológica, Etnológica e Pré-História* de Belim, na Alemanha, da qual o Imperador era membro de honra, recebeu quatro crânios, na ocasião exaustivamente analisados e apreciados pelo então diretor Rudolf Virchow.

Já em meados do século, a coleção de crânios tinha ganho dimensões enormes, o que possibilitou todas as comparações imagináveis. No final do século, Paul Ehrenreich resumiu a respeito de crânios botocudos:

“Atualmente o material de crânios aumentou tão significadamente, que já podemos reconstruir uma imagem bastante abrangente dos caracteres craniológicos deste povo. Todas as coleções importantes da Europa, hoje, possuem um ou mais espécimen”. (Ehrenreich, 1887:62).

As obscuras metodologias craniológicas chegaram a resultados nada satisfatórios, e se percebe um certo desespero na exigência do antropólogo A.v. Török, que proclamou, em 1897, que deveriam ser tiradas cerca de 5.000 dados de um único crânio, para obter um aproveitamento científico. (Wiener, 1990:115). Esta constatação desalentadora ainda não significava o fim do ramo científico, que vivia, desde a sua aplicação na criminologia, nos anos de 1970, um novo auge, e que ainda iria ganhar muitos adeptos, nos inícios do século XX.

### ‘BONS SELVAGENS’ — DOS TRÓPICOS AO HEMISFÉRIO NORTE

Lembrando o caso do barão Langsdorff, um outro ilustre viajante, o pintor francês Jean-Baptiste Debret (1768-1848), que desembarcou apenas três anos depois do primeiro, mal passava dois dias no Rio de Janeiro quando presenciou a pitoresca cena de um grupo de Botocudos, no caminho para serem apresentados perante a corte real. O pintor, impressionado, não deixou em branco esta cena e desenhou-a posteriormente, embora de uma fidelidade etnográfica bastante suspeita. O álbum de Debret contém a seguinte descrição:

“Em 1816, nous avons vu á Rio-Janeiro une famille de Botocoudos civilisés, qui y avait été

amenée de bords du Rio Belmonté par le commandant Cardoso da Rosa, pour être présentée au prince régent D. João VI... Le chef de ces sauvages était remarquable par son costume, composé d'un manteau et d'un diadème de peau de tamandua (tamanois, espèce de fourmiller). Lors de leur présentation à la cour, on ajouta au costume du chef, pour plus de décence, un gilet et un pantalon de nankin bleu; tous les autres individus furent revêtus chacun d'une chemise et d'un pantalon de toile de coton blanc. Aussitôt leur retour du palais de Saint-Christophe, ils se hâtèrent de quitter les vêtements qu'on leur avait prêtés, pour jouir, selon leur habitude, de la liberté de rester entièrement nus. Peu de temps après, ils retournèrent dans leur hameaux, enchantés d'emporter des haches de fer dont on leur avait fait présent". (Debret, 1834-1839, v.I, II).

O desenho de Debret não correspondia ao texto; o grupo de figuras aparece deslocado em uma paisagem imaginária e em uma pose de marcha, em que ele dificilmente poderia tê-lo visto.<sup>16</sup> Um contemporâneo seu, o príncipe Wied-Neuwied, criticou com boa razão:

“O Botocudo com a pele de Tamanduá nas costas, que Debret desenhava no Rio, sem dúvida, foi enfeitado pelo seu guia, como estes sujeitos o costumam fazer, para aparentar estes coitados índios, levados para as cidades grandes, mais interessantes; pelo menos eu nunca vi algo semelhante entre estes índios, nem ouvi algo a seu respeito e o disfarce dificilmente faz parte do *'jours de pompe dans les forets'*, como se expressava o autor” (Wied-Neuwied, 1839, v. 1:684).

O príncipe Wied-Neuwied era um atento leitor de obras alheias, mas, ele, por sua vez, também não escapou de inúmeras críticas.<sup>17</sup> Um efeito elucidativo tinha uma falha iconográfica sua. Depois de voltar para a Alemanha, ele encontrava, na coleção Blumenbach, uma cabeça-troféu munducuru, que, na época, estava sem identificação. Seja por excesso de entusiasmo, seja por simples falha de interpretação, ele pensava, por um instante, que a cabeça mumificada fosse um troféu de guerra de Botocudos, ou de tribos vizinhas. Orgulhoso desta descoberta, ele mandou repro-

duzir o troféu na mesma ilustração em que se retratava os Botocudos, originalmente desenhados por seu ajudante Friedrich Sellow (1789-1831), com o apoio de uma *Câmera Lúcida*.<sup>18</sup>

Ilustrações posteriores, em obras de Jean-Baptiste Debret e Ferdinand Denis, mostram o mesmo conjunto de motivos, copiado apenas com ligeiras modificações, o que indica, claramente, a sua verdadeira origem.<sup>19</sup>

Não somente na capital brasileira, como também em países da Europa foram exibidos índios vivos. O pioneirismo foi, mais uma vez, do príncipe de Wied-Neuwied que, segundo suas palavras “viveu bastante tempo entre os Botocudos, viu, observou e entrevistou uma boa quantidade e possuía um deles por muitos anos, em sua proximidade”. (Wied-Neuwied, 1839, v.1:587). Este índio, que foi exibido publicamente na Alemanha, tornou-se conhecido com o nome de ‘Quäck’. Ele já tinha servido ao príncipe como criado, ajudante na caça e como “língua” (tradutor), durante as viagens no Brasil e desembarcou um ano depois do príncipe na Alemanha, onde chegou no dia 12.02.1818, ao palácio de Neuwied.<sup>20</sup>

O príncipe Wied-Neuwied não só tinha em Quäck um servidor exótico – e provavelmente um amante –, mas aproveitou a presença do índio, parecido às inúmeras coleções de animais empalhados, plantas secas, insetos etc., como objeto de estudo para a pós-análise dos resultados da sua viagem. Quäck ficou à disposição de perguntas do seu proprietário, e serviu como informante para lingüistas; ele também posou, em várias ocasiões, para pintores, cujos quadros ainda se encontram em acervos alemães.

Dentro do palácio de Neuwied, o Botocudo ocupou uma sala especial, adequada exclusivamente à sua presença, onde ele manuseava, perante o assédio do público, arco e flecha. Um jornalista local, que o viu no ano da sua chegada, anotou a seguinte impressão:

“Ali, ele se encontrava sentado, esquentando-se no fogo do forno, calado, sério, sem pestanejar, ou se importar com o público boquiaberto, mas, ele totalmente contemplado. Quem o viu assim, junto à fraca iluminação, solitário, na calada da noite, poderia tê-lo considerado um filósofo, perdido no seu profundo pensamento.” Ueber den Botokuden-

Indianer Quäck (*In Reich der Todten*, no. 16, Wied-Neuwied 1818; *Apud Löschner*, 1988:40).

Esta impressão ignorava o fato, que Quäck, num desfecho trágico, já estava sob a influência fatal do álcool. Quäck faleceu em 1832, na ausência do príncipe, que, nesta data, estava em mais uma viagem para a América do Norte.

Como causa de sua morte foi detectado uma pneumonia, que ele tinha adquirido depois de ter caído bêbado pela janela, em meio à neve. (Röder, 1969:9). O príncipe comentou a perda numa carta para Martius, em 6.1.1835:

“Infelizmente, na minha ausência, faleceu o meu querido, coitado Quäck (o Botocudo). O meu irmão Karl, por sorte, acabou de pintar um retrato seu, em óleo, que ficou bastante verossímil e a lembrança agora ficará bem viva. Eu gostaria de ter trazido um norte-americano, somente isto não me foi fácil, já que estas criaturas, de repente, sentem saudades e então é preciso mandá-los de volta, o que causa geralmente grandes gastos”. (Wied-Neuwied *Apud Läng*, 1976:128).

Com a sua morte, o papel de Quäck, em serviço do ‘progresso científico’, ainda não chegou ao seu fim. A sua cabeça foi doada para a *Seção Anatômica* da Universidade de Bona, onde ela foi examinada e, finalmente, enfileirada na coleção craniológica da instituição. (Loetscher, 1992:15).

No ano de 1820, os viajantes Spix e Martius também não resistiram em levar índios brasileiros para a Europa, cujo destino trágico a história bem tentou abafar. Ilustrativo é um trecho de uma das primeiras obras etnográficas, editadas na Alemanha, em 1862, e que contém uma anotação surpreendentemente sarcástica:

[...] comenta-se que os citados senhores [Spix e Martius] para levarem alguns exemplares dos selvagens bípedes para a Europa, organizaram uma pequena caça contra os Puris, ou, numa variante, eles oferecerem tanto e tal quantia em dinheiro, se alguém lhes entregasse tantos e tais Puris vivos, que causou a matança de uns vinte coitados, em emboscada sinistra, e dez ou onze, na maioria crianças e mulheres, foram presos e lhes entregues. Para salvo da humanidade, preferimos acre-

ditar que isso não seja verdade, já que a credibilidade deve ser questionada diante da existência de duas variantes de relatos; e só uma pode ser verdadeira.

Fato é, entretanto, que Spix e Martius, voltando da sua viagem, levaram uns oito ou dez Puris para a Europa, os quais, sem a devida fase de aclimação, passando imediatamente do clima tropical ao clima extremamente áspero de Munique, ficaram logo doentes e faleceram.

Os naturalistas, que acompanharam a princesa austríaca Leopoldina para a América, levaram alguns Botocudos, que, depois de satisfazer a curiosidade do público em Viena e Munique, foram exibidos junto a outras naturalias e em troca por dinheiro, também em Berlim e em outras grandes cidades.” (Zimmermann, 1862:694).

Com a última observação, o autor, provavelmente, mencionava o viajante Pohl, que, em 1821, apresentou um jovem casal de Botocudos em Viena. Quando o Príncipe de Wied-Neuwied visitava o seu navio na chegada, ele foi reconhecido pelos dois índios, de nomes portugueses João e Francisca, que estavam aproximadamente com 20 e 21 anos (Wied-Neuwied, 1850:97). As circunstâncias da sua posse, descreve o artigo de um jornal austríaco em Viena, datado em 17.11.1821, intitulado: “Die Botokuden-Indier in Wien”. (*Wiener Zeitschrift für Kunst, Literatur, Theater und Mode*, Nr. 131):

“O Senhor Dr. Pohl visitava estas tribos autênticas nas suas viagens pelo interior do Brasil em seus lugares de origem, e recebeu o casal na sua volta para o Rio de Janeiro, entregues pelo português Julião Fernandes da Leme, major da corte, que para a civilização destes índios, e para impedir as investidas contra os aldeamentos portugueses já estava há dez anos em São Miguel, na chefia de um quartel militar, levando para a capital uma horda de 50 sujeitos, diante do rei, para provar a avançada civilização destes índios.”

Imediatamente depois, os dois chegaram nas mãos do obscuro empresário Capitão Hadlock, que os apresentou, comercialmente, em feiras públicas e *Mostras de Panorama*. Entre as suas demais atrações, e ao lado de vários artigos etnográficos, foi exibida uma cabeça inteiramente co-

berta por tatuagens, 'bem conservada e preparada', pertencente a um 'cacique de Nova Zelandia', que, por ironia, enquanto vivo, tinha sido mais um membro da sua tropa.

Depois de dois anos de exibição, a jovem Francisca faleceu, e o seu acompanhante João conseguiu retornar para o Brasil, onde surgiam notícias de ele ter sido, como Quäck, vítima de alcoolismo. (Goldmann, 1985:255).

Vinte anos mais tarde, dois jovens Botocudos foram levados para Paris, pelo viajante francês Marcus Ponte, e submetidos a sessões de exames lingüísticos.<sup>21</sup> O médico e viajante dinamarquês Friis, em 1860, soube de um projeto fracassado de comerciantes brasileiros, que tinha adquirido, alguns anos atrás, dois chefes botocudos com suas mulheres, com o plano de enviá-los comercialmente para a Europa. O empreendimento fracassou, e Friis comentou a lastimável perda de dinheiro, que, nesta ocasião, os 'investidores' teriam perdido, sem conseguir o seu retorno. (Auge, 1980:101).

Ainda nos anos de 1880, um certo Ribeiro levou para Londres seis crânios botocudos, objetos etnográficos e cinco Botocudos vivos, dois homens e três mulheres, que foram apresentados no tradicional "Anthropological Institute". (Keane, 1883:198). É provável, que esta pequena tropa já tinha participado, anteriormente, na Exposição Antropológica, de 1882/83, no Rio de Janeiro. Neste evento, os Botocudos estavam em destaque, com vários utensílios expostos, além de fotografias da autoria de Joaquim Ayres.<sup>23</sup>

Ainda hoje, quem entra pelas salas do Museu Nacional, no Rio de Janeiro, vai encontrar, exposta numa vitrine que trata da evolução humana, uma figura estilizada de um botocudo, representante do primeiro 'Homo Sapiens', em suposto estado primitivo.

## NOTAS

1. As traduções do alemão, neste artigo, foram feitas pelo autor.
2. Partes do texto, foram apresentados durante a XX Reunião Brasileira de Antropologia, em Salvador, Bahia, 1996.
3. Entre as mostras, que atraíram maior curiosidade do público europeu, constaram apresentações de esquimós, ou, patagônios. Um famoso empresário neste

ramo, Capitão Samuel Hadlock, trocou durante uma temporada, sem escrúpulos, uma esquimó, a figurante principal, falecida, por uma 'cigana'. Famoso tornou-se ainda o caso de dois microcéfalos (uma anormalidade patológica) Maximo e Burnetta, nascidos no México, que, a partir de 1848, foram exibidos em Nova York e em várias cidades da Europa, apresentados como 'últimos sobreviventes' de Astecas, ou Toltecas. (Goldmann, 1985:255-260).

4. Desde 1798, estava colocada aos pés de Angelo Soliman uma menina africana, doada como presente pela rainha Maria de Napoli. Ela era uma criança de apenas seis anos, empalhada e igualmente decorada com colares e plumas. Nos primeiros anos do século XIX, o grupo figurativo, já sob desaprovação do público, foi retirado do museu e colocado no acervo, fora do alcance dos visitantes; num incêndio durante as revoltas de 1848, em que o fogo se espalhou por várias repartições do prédio, o grupo foi destruído - como também, tragicamente, a maior parte da coleção brasileira do viajante Natterer, uma das mais importantes da sua época. (Hamann, 1976:19-44).
5. Estas apresentações viveram o seu apogeu nas últimas décadas do século XIX, mas, ainda em 1931, exibiam-se em vários parques zoológicos da Alemanha uma 'caravana' provindo da Nova-Caledônia. (Thode-Arora, 1989:169).
6. O barão já tinha passado por Rio de Janeiro, em 1803, durante a circum-navegação russa. Nesta ocasião, ele foi um dos primeiros viajantes que entraram no país, depois um longo período, em que a colônia permanecia praticamente fechada para estrangeiros. (Becher, 1987:1)
7. O nome 'Botocudo' designava genericamente grupos indígenas com um traço exterior, em comum; a palavra portuguesa era sinônimo de rolha de barril ou de tonel e se referia aos rolos que certas tribos brasileiros usavam, introduzindo-os nos furos artificiais dos lóbulos da orelha e do lábio inferior. (Ribeiro, 1988:154). Embora que a designação tenha sido aplicada a várias tribos, comparável com os nomes anteriores, Tapuais e Aymorés, com os quais os Botocudos foram confundidos, ela foi usada, principalmente, para tribos das regiões entre os rios Pardo e Doce, conhecidas também erroneamente como Naknenuk, mais recentemente, como Krenak.
8. O Botocudo também é mencionado por Saint-Hilaire (1830, v. 1:51).
9. Depois da morte do Conde da Barca, Alexander von Humboldt, manteve uma amizade com José Bonifácio de Andrade e chegou a incentivar a criação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, em 1838.
10. Rugendas foi, sem dúvida, um bom retratista de índi-



os, mas particularmente os seus esboços e quadros de Botocudos refletem estereótipos comuns da época; neles, ele reaproveitou material de outros viajantes como a obra do príncipe Wied-Neuwied; Os textos sob o seu nome, aliás, eram provavelmente da autoria do político alemão Victor Aimé Huber (1800-1869).

11. Alexander von Humboldt foi um dos membros da *Académie de Sciences* de Paris, e, ao lado de François Arago, avaliou a utilidade da nova invenção, ainda antes da sua proclamação oficial, no dia 19 de agosto de 1839. (Pohl, 1983:4).
12. Um dos professores de Göttingen, Friedrich Bouterwek (1766-1828), editou a primeira história literária moderna, que incluía autores tanto portugueses como brasileiros. Ele foi precursor de Simonde de Sismondi (1773-1842) e Ferdinand Denis (1798-1890), e deve ser considerado um pioneiro da crítica comparativa (Bouterwek, 1805).
13. Algumas perguntas eram esquisitas; em 1797, o professor Blumenbach queria saber do viajante Hornemann para a sua viagem à África, se ‘realmente alguns negros, de propósito, ainda achatam os narizes dos recém-nascidos’ e ‘quanto tempo agüenta um camelo, no deserto, sem se encher com água’ (Bitterli, 1976, 312).
14. Entre os ‘ladrões’ de ossarias figuraram, ao lado do príncipe de Wied-Neuwied, os viajantes Eschwege, Sellow, Freyreiss, Spix e Martius, Saint-Hilaire, Tschudi, Hartt e Paul Ehrenreich. Eles, aliás, seguiram com esta atitude, mais uma vez, o exemplo de Alexander von Humboldt.
15. O projeto de uma Comissão Científica nasceu nas sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e foi idealizado como o primeiro empreendimento científico nacional, no Brasil do século XIX. Chefiada por cientistas renomados, como Francisco Freire Alemão (1797-1874) e Guilherme Schuch, barão de Capanema (1824-1908), a expedição tinha um desfecho medíocre, deixando, sobretudo, vestígios para o folclore, e não para as ciências. Famosos tornaram-se a fracassada importação de camelos, que não se adaptaram ao ambiente do Sertão nordestino, e os deslizos amorosos, que provocaram, na época, uma designação ainda mais maldosa, ‘Comissão Defloradora’.
16. As ilustrações de Debret não refletiam uma realidade etnográfica, mas, eram, sobretudo, representações estereotipadas, às vezes, caricaturescas. O pintor aproveitou, como Rugendas, vários ‘empréstimos’, entre outros, textos e desenhos do príncipe de Wied-Neuwied e de Spix e Martius (Hartmann, 1975:79-81).
17. Iniciou-se um clima de animosidade, particularmente, entre o príncipe alemão e o naturalista francês Auguste de Saint-Hilaire (1779-1853), que repreendia,

na sua obra, supostos erros ortográficos e algumas das suas classificações botânicas. O príncipe, que se viu, durante muitos anos, indevidamente citado e copiado, publicou, ainda em 1850, um suplemento em que ele se defendia amargamente das críticas sofridas. Um outro crítico de Wied-Neuwied, já depois da sua morte, foi o geólogo canadense Charles Frederick Hartt (1840-1878). (Wied-Neuwied, 1850).

18. Na sua viagem pelo Brasil, o príncipe de Wied-Neuwied estava acompanhado por Sellow e Freyreiss. Os dois, chamados inicialmente pelo barão de Langsdorff, já tiveram experiências no país e dominavam bem a língua portuguesa. O uso de câmara lúcida - mais leve e melhor transportável do que a câmara obscura - era bastante comum entre os naturalistas, antes da invenção da fotografia. Os retratos de Sellow, que era botânico e também um excelente desenhista, foram, muitas vezes, indevidamente copiados.
19. Anos mais tarde, em 1882, na ocasião da primeira Exposição Antropológica, divulgou-se, no Brasil, mais um erro etnográfico, igualmente relacionado aos índios Mundurucu que se perpetuou por bastante tempo. Um troféu de cabeça ‘tsantsa’, no tamanho de um punhal, que, na época atraiu uma enorme curiosidade, foi atribuído aos Mundurucu, mas, provavelmente, era procedente dos Jivaro, de Equador.
20. O príncipe ‘possuía’ também um negro brasileiro, que faleceu logo depois da chegada à Alemanha.
21. O Botocudo João, depois do seu retorno da Europa, foi mencionado pelo famoso Diretor dos Índios, Guido Thomas Marlière (1768-1836). Marlière se queixava da má influência de João, entre os índios aldeados e exclamava melancolicamente: “os selvagens não se devem expatriar”. (Marlière, 1906, *Revista do Arquivo Público Mineiro*, v.X:517).
22. Os resultados lingüísticos foram publicados, posteriormente, pela Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. (Jomard, 1847:107-113).
23. Existem poucos dados sobre este fotógrafo. Algumas das suas fotografias para a Exposição Antropológica, de 1882-1883, encontram-se, hoje, no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, no Rio de Janeiro..

## BIBLIOGRAFIA

- ADALBERT, Prinz von Preußen. (1847), *Aus meinem Tagebuche 1842-1843: als manuscript gedruckt. Berlin*.
- AUGE, Moema Parente. (1980), *Visitantes estrangeiros na Bahia oitocentista*. São Paulo.
- AVÉ-LALLEMANT, Robert Christian B. (1860), *Reise durch Nord-Brasilien im Jahre 1859*. Leipzig.
- BECHER, Hans. (1987), *Georg Heinrich Freiherr von Langsdorff in Brasilien, Forschungen eines deutschen Gelehrten im 19. Jahrhundert*. Berlin.

- BITTERLI, Urs. (1976), *Die 'Wilden' und die 'Zivilisierten', Grundzüge einer Geistes- und Kulturgeschichte der europäisch-überseeischen Begegnung*. Munique.
- BLOCH, Ernst. (1959), *Das Prinzip Hoffnung*, Frankfurt a.M., v. 5.
- BOUTERWEK, Friedrich. (1805), *Geschichte der portugiesischen poesie und beredsamkeit*. Göttingen.
- BRAGA, Renato. (1962), *História da comissão científica de exploração*. Fortaleza, Imprensa Universitária do Ceará.
- BURMEISTER, Hermann. (1853), *Reise nach Brasilien: durch die Provinzen von Rio de Janeiro: und Minas geraes*.
- DEBRET, Jean-Baptiste. (1834-1839), *Voyage pittoresque et historique au Brésil, ou séjour d'un Artiste Français au Brésil 1816-1831*. Paris. 2 vol.
- EHRENREICH, Paul. (1887), "Ueber die Botocudos der brasilianischen Provinzen Espírito santo und Minas Geraes". *Zeitschrift für Ethnologie*, Berlin, v.19:1-82.
- GEESE, Uwe. (1981), *Eintritt frei, Kinder die Hälfte, Kulturgeschichtliches vom Jahrmarkt*. Marburg a. L.
- GOLDMANN, Stefan. (1982), "Der Kasten des Alt-Vater Noah". In: KOHL, K.H. (Org.). *Mythen der neuen welt, zur entdeckungsgeschichte lateinamerikas*. Berlin.
- GOLDMANN, Stefan. (1985), "Wilde in Europa, aspekte und Orte ihrer Zurschaustellung". In: THEYE, T. (Org.). *Wir und die wilden*. Hamburgo.
- HAMANN, Günther. (1976), *Das naturhistorische museum in wien: die Geschichte der Wiener naturhistorischen Sammlungen bis zum Ende der Monarchie*. Viena.
- HUMBOLDT, Alexander Von. (1847), *Kosmos, Entwurf einer physischen Weltbeschreibung*. Stuttgart. 4 V.
- JOMARD, M. (1847). "Notícia sobre os Botocudos, acompanhada de um vocabulário de seu idioma e de algumas observações". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v.9:107-113.
- KEANE, A.H. (1883), "On the Botocudos (Special Extra Meeting 19.6.1883)". *The Journal of the Anthropological Institute of Great Britain and Ireland*, XIII, 1:198-211.
- LÄNG, Hans. (1976), *Indianer waren meine Freunde, Leben und Werk Karl Bodmers, 1803-1893*. Berna.
- LOETSCHER, Hugo. (1992), "Das Entdecken erfinden". In: BRASILIEN, *entdeckung und selbstentdeckung (Ausstellungskatalog)*, Zuriq.ue.
- LÖSCHNER, Renate. (1988). *Brasilien Bibliothek der Roberto Bosch GMBH*. Stuttgart.
- MANIZER, G.G. (1967), *A expedição do Acadêmico G.I. Langsdorff ao Brasil*. São Paulo.
- MELO FRANCO, Afonso Arinos de. (1937), *O índio brasileiro e a Revolução Francesa: as origens brasileiras da teoria da bondade natural*. Rio de Janeiro.
- NETTO, Landislau. (1882), "Introdução para a exposição antropológica". In: MORAES FILHO A. J. de Mello (Org.). *Revista da exposição anthropologica brasileira*.
- OTTONI, Teófilo B. (1858). "Notícia sobre os selvagens do Mucury". *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, v. 21:124-238.
- PARAÍSO, Maria Hilda B. (1992), "Os Botocudos e sua trajetória histórica". In: CUNHA, M. Carneiro da (Org.). *História dos índios no Brasil*. São Paulo, Companhia das Letras.
- POHL, Klaus. (1983), *Ansichten der ferne, reisephotographie 1850: heute*. darmstadt.
- PORTO ALEGRE, Maria Sylvania. (1994), "Imagem e representação do índio no século XIX". In: GRUPIONI, L.D. Benzi (Org.). *Índios no Brasil*. Brasília.
- RIBEIRO, Berta G. (1988), *Dicionário do artesanato indígena*. São Paulo.
- RÖDER, J., BALDUS, H. (1969), *Maximiliano príncipe de wied: Viagem ao Brasil 1815-1817. Excertos e Ilustrações*. São Paulo.
- RUGENDAS, Johann Moritz. (1835), *Malerische reise in brasilien: Voyage pittoresque dans le Brésil*. Paris. 2 V.
- SAINT-HILAIRE, Auguste de. (1830), *Voyage dans les provinces de Rio de Janeiro et de Minas Gerães*. Paris. 2 V.
- SCHWARCZ, Lilia Moritz. (1993), *O espetáculo das raças, cientistas, instituições e Questão racial no Brasil, 1870-1930*. São Paulo, Companhia das Letras.
- SPIX, Johann Baptist Von., MARTIUS, Karl Friedrich Phillip Von. (1966), *Reise in Brasilien in den Jahren 1817-1820*. Stuttgart. 4 V. (facsimile)
- THEKLA, Hartmann. (1975), *A contribuição da iconografia para o conhecimento dos índios brasileiros do século XIX*. São Paulo. (Coleção Museu Paulista; Série etnográfica, 1)
- TSCHUDI, Johann Jacob Von. (1866-1869), *Reisen durch Süd-Amerika*. Leipzig. 4 V.
- TURAZZI, Maria Inez. (1995), *Poses e trejeitos: a fotografia e as exposições na era do espetáculo (1839-1889)*. Rio de Janeiro, Funarte.
- THODE-ARORA, Hilke. (1989), *Für fünfzig Pfennig um die Welt, Die Hagenbeckeschen Völkerschauen*. Frankfurt a. M.
- WIED-NEUWIED, Maximilian Prinz zu. (1850), *Nachträge, berichtigungen undzusätze zu der beschreibung meiner reise im östlichen brasilien*. Frankfurt a. M.
- \_\_\_\_\_. (1839), *Reise in das innere nord-america, in den Jahren 1832-1834*. Koblenz. 2 V.
- \_\_\_\_\_. (1820-1821), *Reise nach brasilien 1815-1817*. Frankfurt a. M. 2 v.
- WIENER, Michael. (1990), *Ikongraphie des wilden, menschenbilder in ethnographie und photographie zwischen 1850 und 1918*. Munique.
- ZIMMERMANN, W.F.A. (1862), *Malerische länder- und völkerkunde, eine naturbeschreibung aller länder der erde und schilderung ihrer bewohner*. Berlin.